

Entrevista com Harald Weinrich

Quem quiser realizar um bom trabalho interdisciplinar não deve passar ao largo da disciplinaridade.

Entrevista com Harald Weinrich

[Those wishing to work in an interdisciplinarian way should not overlook disciplinarity.
A conversation with Harald Weinrich]

Por Werner Heidermann¹

A renomada editora alemã Wissenschaftliche Buchgesellschaft anuncia no atual catálogo o livro mais recente (*Über das Haben*) de Harald Weinrich (*1927), chamando o autor de "*Grandseigneur* da linguística européia". Bem colocado. *Grandseigneur* é, de fato, quem tem algo a dizer e o faz com digna postura. Certa elegância é componente dessa característica. *Grandseigneur* ele o é por conferir brilho e grandeza à área da linguística. Harald Weinrich definiu e delineou a linguística como poucos – "linguística" no sentido vasto. Profundo conhecedor da literatura, sabe reunir língua e literatura, construir contextos inovadores e abrir perspectivas novas. A obra de Weinrich não se limita à filologia, mas inclui, desde o início, a política educacional e cultural primeiramente na Alemanha, depois na Europa, a partir do seu estabelecimento na França. Harald Weinrich não somente descreveu mas também criou tendências. Vale para a atuação na política educacional, fundando institutos – como em 1973 o *Centro de Pesquisa Interdisciplinar* [*Zentrum für interdisziplinäre Forschung*] da Universidade de Bielefeld – e definindo programas universitários – como em 1978 a implementação do curso de *Alemão como Língua Estrangeira* [*Institut für Deutsch als Fremdsprache*] na

¹ Professor de Universidade Federal de Santa Catarina; pós-doutorado pela Westfälische Wilhelms Universität Münster. Email: werner.heidermann@ufsc.br

Entrevista com Harald Weinrich

Universidade de Munique. Sobretudo, vale para o seu trabalho linguístico no sentido mais estrito, por exemplo, nos estudos fundamentais da linguística textual.

Harald Weinrich, o catálogo da Wissenschaftliche Buchgesellschaft fez bem em não omitir o fato, é visto como um dos poucos eruditos com impacto europeu. Depois de lecionar em Kiel, Colônia, Bielefeld e Munique ele foi convidado pelo Collège de France em Paris onde trabalhou de 1992 a 1998.

Introduzindo a conversa com o professor Weinrich, queremos mencionar algumas das mais expressivas publicações da sua autoria, as quais testemunham a variedade do seu trabalho acadêmico. Na entrevista, o próprio professor se refere à sua dissertação de mestrado de 1956 sobre *Don Quijote* e à sua tese de doutorado de 1958 sobre estudos fonológicos. O primeiro livro de destaque é *Tempus - Besprochene und erzählte Welt* de 1966. Dois anos mais tarde, em resposta a uma pergunta da *Academia Alemã de Língua e Poesia*, de 1965, „Kann Sprache Gedanken verbergen?“ [A língua consegue esconder pensamentos?], surge um ensaio de título surpreendente *Linguistik der Lüge* [Linguística da Mentira], cuja sexta edição foi lançada em 2000 pela editora Beck, com um "Posfácio 35 anos depois". Está prevista a edição deste ensaio no Brasil. *Sprache in Texten*, de 1976, constituiu uma etapa significativa da linguística textual. Outras obras essenciais da linguística textual são suas duas gramáticas textuais: a *Gramática textual da língua francesa* (1982) e a *Textgrammatik der deutschen Sprache* [Gramática textual da língua alemã] de 1993. Escreveu e organizou cerca de 40 livros. Os títulos das monografias mostram a literatura lado a lado com a linguística: *Lethe. Kunst und Kritik des Vergessens* (1997) com a edição brasileira: *Lete. Arte e crítica do esquecimento* (2001); *Knappe Zeit. Kunst und Ökonomie des befristeten Lebens*, de 2004 [Tempo escasso. Arte e economia da vida limitada]; *Über das Haben*, de 2012 [Sobre o Possuir]. Além dos livros, a bibliografia do professor Weinrich abrange mais de 300 artigos, documentos do amplo prisma de interesses do romanista. Tem prefácios e posfácios, estilística e fonologia, muitos estudos sobre a metáfora, reflexões leves (*Knickerbocker*), questionamentos (*O que se pode, o que se deve, o que se tem que esquecer?/Quem é o responsável pela língua?*); tem termos centrais como, por exemplo, cortesia e leveza; alguns trabalhos refletem a abordagem prática (*Do tédio do ensino de língua*) e a proximidade à língua (*Interferência no contexto de denominações de cores: o adjetivo bleu*). As reflexões de Weinrich são desde sempre interdisciplinares

Entrevista com Harald Weinrich

(*Teologia narrativa* é um exemplo de 1973), políticas (*Pode-se diminuir o orçamento escolar?*), literárias (*Como se torna, como se permanece Ionesco?*). Os títulos são claros e têm um tom de leve provocação. Não raramente pensa-se em Gottsched e Lessing – "Ninguém", dizem os autores da Biblioteca, „ninguém negará que o teatro alemão deve boa parte de suas primeiras melhorias ao professor Gottsched.' - Este ninguém sou eu; eu o nego diretamente. Seria de se desejar que o senhor Gottsched nunca tivesse tido contato com o teatro. Suas supostas contribuições são detalhes supérfluos ou verdadeiras agravações." – Weinrich é Lessing – um mais cortês; Gottsched é a burguesia.

A conversa com o professor Weinrich aconteceu em Münster. A entrevista seguiu mais tarde, escrita. Autoria e tradução das perguntas: Werner Heidermann.

1. A primeira pergunta, professor Weinrich, refere-se ao que foi chamado de Weinrich-Sound, seu estilo bastante particular e inconfundível, baseado numa leveza aparentemente natural, uma leveza que, na verdade, é fingida. Pois se trata sempre de algo essencial que o senhor analisa com rigor e exemplar profundidade. Faz parte desse Weinrich-Sound que o senhor tem posições definidas, se posiciona claramente, muitas vezes contrariando opiniões predominantes e estabelecidas. Seria esse estilo (na introdução da Gramática Textual o senhor o descreve assim: „de acesso fácil, de agradável leitura“) resultado de curiosidade, prazer de escrever e erudição rara?

HARALD WEINRICH: No primeiro instante me surpreende o fato de que no início da conversa já se coloca uma pergunta sobre o estilo dos meus textos - no segundo instante, aliás, isso me agrada. Agora, o que concerne à particularidade do meu estilo, provavelmente outros sabem melhor defini-la. Para mim este estilo é simplesmente a maneira natural de me expressar de forma oral ou escrita. Assim eu conduzi as palestras e conferências nas diversas universidades da minha carreira falando de improviso, a partir de anotações. Anos atrás eu consegui fazer isso também em português.

Mas independentemente da língua: eu não meço esforços para atingir uma boa expressão linguística em meu ensino oral ou escrito. Considero isso uma questão de boa educação na relação com a audiência ou com os leitores - isso vale igualmente quando eles são „apenas“ alunos ou leigos.

Além disso, estou convicto de que a língua da fala ou da escrita não se restringe a um manto mais ou menos belo que reveste um conhecimento por motivos utilitários

ou decorativos. Na ciência, em primeiro lugar nas letras e nas ciências sociais (inclusive direito e economia), a língua é inerente ao objeto – e o conhecimento se transforma quando se transforma a língua. Em certo sentido, isso se aplica igualmente às traduções. Por isso não se pode declarar uma língua (inglês, chinês...) língua universal das ciências. Ora, evidentemente eu sei – e sinto admiração por eles – que existem muitos tradutores bastante capazes que atuam em seu métier com arte. No entanto, a maioria deles (até hoje mal paga e por isso em número reduzido) trabalha com literatura e poesia. Nas ciências, por outro lado, a arte da tradução é bem pouco valorizada, tanto pela comunidade dos cientistas, como mais particularmente pelos respectivos administradores.

2. Um ponto-chave dos seus textos é o natural convívio entre análise linguística e reflexão literária. Há muito tempo, os estudos literários e os estudos linguísticos se distanciam recíproca e gradualmente – ao ponto de os representantes de ambas as áreas não procurarem mais o diálogo. Um colóquio, por exemplo, que o senhor organizou nos anos 70 sobre a Negatividade, reunindo especialistas das mais diversas disciplinas, talvez nem fosse mais possível hoje em dia. Projetos de pesquisa tornam-se mais e mais específicos. Trata-se de um crescente saber concernente a parcelas da realidade que são sempre mais estreitas. Com frequência, o preço é um clima hermético, praticamente desprovido de interesse na troca de ideias, troca que o senhor desde sempre concebeu interdisciplinar. Essas tendências são simplesmente lamentáveis – ou será mesmo possível unir o que tem algo em comum?

HARALD WEINRICH: Gostaria muito que os estudos linguísticos e literários se mantivessem ainda hoje trabalhando firmemente amalgamados como no passado, quando me era exigido como romanista escrever tese de doutorado sobre um assunto literário (*Don Quijote*) e, posteriormente, na tese de livre-docência, sobre um assunto linguístico (*Fonologia e história linguística*). Hoje em dia, infelizmente, isso não é mais possível considerando estarmos todos submersos sob quantidades incontroláveis de dados. Mas seria salutar se na romanística (pelo menos!) os linguistas soubessem algo sobre a literatura – e algo sobre a linguística, na literatura. Com esse mínimo, todavia, a interdisciplinaridade nem iniciou. Valorizo a interdisciplinaridade, pois como cofundador da Universidade de Bielefeld, trabalhei a partir de 1968 alguns anos como diretor do *Centro de Pesquisa Interdisciplinar* daquela universidade, então recém-criada. A dificuldade, porém, reside na prática. Quem quiser realizar um bom trabalho interdisciplinar não deve passar ao largo da disciplinaridade.

3. *Essa conversa não poderá abranger todos os aspectos do seu trabalho acadêmico, mesmo porque não falta quase nenhum assunto linguístico na sua obra. A leitura desta entrevista, por conseguinte, não deve nem pretende substituir o estudo dos seus escritos. Ao definirmos seu entendimento do texto e nos basearmos em seus trabalhos sobre o texto, uma pergunta se impõe: como se dará futuramente a contínua abertura de perspectiva sucedida historicamente a partir da palavra como ponto de partida, com o período frasal em seguida e atualmente com o texto como conceito pacífico? Será a continuidade uma sistemática cada vez mais refinada de tipos textuais (e discursivos)? Ou será que o futuro da linguística acontecerá num acréscimo quantitativo – ou seja, em corpora com quantidades de dados até bem recentemente inimagináveis? Ou será que a verdadeira novidade, igualmente facilitada por inovações tecnológicas, será a inclusão, em grande estilo, da fala para a análise linguística? Será que, a médio prazo, nós abandonaremos a escrita por completo?*

HARALD WEINRICH: Eu gosto menos de tratar a linguística de maneira ascendente, a partir do som para a palavra, a frase e o texto, e prefiro a perspectiva descendente a partir do texto para a frase, a palavra e o som. De qualquer maneira, o texto (ou na oralidade: o discurso) não pode faltar nesta sequência. É o postulado central da linguística textual que igualmente pode ser chamada de linguística discursiva. Nos dois casos, ainda podemos integrar a macro-unidade texto ou discurso numa situação não-linguística para chamar o resultado de pragmalinguística. Tal perspectiva mais abrangente da linguística, no entanto, não deve desviar a atenção da escrita. Antigamente tínhamos que dizer: também os corpora orais fazem parte da linguística. Hoje em dia é preciso dizer: também os corpora escritos fazem parte. E naturalmente a literatura é um corpus grande, facilmente acessível e de alta qualidade cultural. Mais um motivo para não negligenciar a literatura no contexto linguístico.

4. *Com sua enorme quantidade de dados, a internet pode levar a crer que a análise de dados agora acontece quase automaticamente. Em frações de segundos pode-se visualizar frequências, colocações igualmente – e até tradução independente do quão fraca e ilegítima seja. Suponhamos que o senhor se encontrasse no início da carreira acadêmica: optaria novamente pela romanística e pela linguística? E por qual gênero de linguística? O senhor se interessaria tanto, por exemplo, pela linguística de corpus que cursaria informática? Ou será que teria maior afinidade com a neurolinguística? Alhures o senhor certa vez mencionou que, se pudesse, trabalharia mais sobre o papel da memória (na aquisição da língua/língua estrangeira).*

HARALD WEINRICH: Vejo com muita calma a quantidade de dados aos quais temos acesso hoje através do computador com sua potência enorme. Será que os dados trazem, de fato, tanto conhecimento científico novo como os representantes da linguística de corpus (stricto sensu) defendem? Podemos aprender pela demoscopia que exemplos bem escolhidos também (e às vezes somente eles) conduzem a resultados confiáveis. A neurolinguística, falo isso abertamente, me decepcionou bastante. Ela quer (ou deve) apresentar resultados que satisfaçam critérios quantitativos. Com esse fim, a neurolinguística tem que trabalhar no laboratório. Agora, a língua é um instrumento tão sutil do espírito, que somente pode ser vista grosseira ou trivialmente nas condições de laboratório. No que concerne à realidade da memória, a língua inexiste quando não sustentada pela memória. Sem a arte de memorizar (mnemotécnica), nada funciona na linguística. Os mestres da retórica na Antiguidade estavam cientes disso, nós podemos reaprender com eles.

5. Em Florianópolis estamos traduzindo a "Linguística da Mentira" ao português do Brasil. Em retrospectiva, o que se destaca neste ensaio? Nele surge pela primeira vez o termo da gramática textual (Textgrammatik). O que ademais se releva no estudo?

HARALD WEINRICH: No meu livro *Tempus - Besprochene und erzählte Welt* (1964) e na minha *Linguistik der Lüge* (1966) empreendi pela primeira vez a tentativa metodologicamente viável de transcender o limite mágico da frase visando unidades linguísticas maiores. Disso nasceu a linguística textual à qual eu dediquei dois volumes abrangentes, uma gramática textual do francês (1982) e uma da língua alemã (1993). A *Linguística da Mentira* (com o "Posfácio de 35 anos depois") é, além disso, a tentativa de descrever a língua da ditadura hitleriana usando os instrumentos da linguística textual.

6. Vale a pena se perguntar se, na verdade, os resultados do trabalho acadêmico e científico, no caso da linguística, ganham visibilidade fora da academia. Tomemos dois exemplos não muito complexos, por um lado, a oposição de voz ativa e voz passiva em alemão, por outro o entendimento da língua alemã como Klammersprache. Não é frustrante ver quanto tempo é necessário para que se consolidem novidades científicas? Nos livros didáticos (do alemão, do alemão como língua estrangeira ou segunda língua), encontramos hoje, como há muitos anos, exercícios inadequados para ensinar a transformação da voz ativa à voz passiva. Citação do seu trabalho "Für eine nichtaristotelische Theorie der Aktiv-Passiv-Diathese in der deutschen Sprache" (Por

*uma teoria não-aristotélica da oposição de voz ativa e voz passiva) de 1985: "Sob o ponto de vista de frequências, voz passiva com agente não condiz com a norma de voz passiva." Na escola, até hoje é ensinado diferentemente. O conceito da língua alemã como *Klammersprache* se introduz aos poucos na didática de alemão como língua estrangeira. É preciso ter paciência ou será necessário implementar mecanismos que assegurem uma divulgação mais eficaz de novos conhecimentos?*

HARALD WEINRICH: Meus trabalhos visando um entendimento novo e, acredito eu, aprimorado da oposição voz ativa e voz passiva (em muitas línguas européias) e também sobre o conceito de *Klammersprache* (do alemão) demandam tempo para serem aceitos pela comunidade científica. Isso é quase a regra. No primeiro caso, desde Aristóteles há uma doutrina sobre categorias, entre elas a voz ativa e a voz passiva; no segundo caso, precisa-se superar preconceitos provenientes de doutrinas dos representantes franceses do racionalismo linguístico do século XVIII. Não se poderia esperar outra coisa! Sim, na ciência paciência é uma virtude.

7. Um mecanismo poderia ser o trabalho em associações. O senhor é membro do Verein Deutsche Sprache (Associação da Língua Alemã). Ser membro dessa associação, cujo objetivo é "preservar e promover a língua alemã como idioma cultural autônomo" não contradiz com os conhecimentos básicos sobre as mudanças linguísticas?

HARALD WEINRICH: Faz muito tempo que eu sou membro da *Deutsche Akademie für Sprache und Dichtung* [Academia Alemã de Língua e Poesia], e durante muitos anos eu coordenei a comissão de língua. A academia tem uma política moderada de proteção linguística, e trabalha, sobretudo, com bons exemplos (= exemplos literários). Nesse âmbito, aliás, eu contribuí bastante para a redefinição do termo *Sprachkultur* (cultura linguística), termo introduzido por Leibniz (e abusado por fins propagandísticos pela República Democrática da Alemanha); hoje o termo voltou a pertencer ao raciocínio linguístico alemão (cf. meu livro *Wege der Sprachkultur* de 1985).

Mais tarde me tornei membro também da *Verein Deutsche Sprache* [Associação da Língua Alemã]. Aprecio o fato de que seus membros queiram se posicionar e batalhar em prol de uma melhor cultura linguística no contexto da língua alemã. Pois uma cultura linguística respeitável não vem do nada. As demais associações linguísticas têm igualmente méritos específicos. É o caso do Instituto Goethe, com o qual colaborei

intensamente na função de fundador do *Institut für Deutsch als Fremdsprache* [Instituto de Alemão como Língua Estrangeira] da Universidade de Munique; fui durante muitos anos coordenador da comissão linguística na matriz do Instituto Goethe.

Na atual competição sobre qual seria a melhor maneira de promover a língua alemã, muitas vezes se ignora o fato de que ela não tem simplesmente um problema – já conhecido da história – das palavras estrangeiras (anglicismos), porém, tem que lutar contra uma estúpida indústria propagandística que, na sua cegueira cultural, considera que todos os produtos lançados no mercado como mercadoria massificada deveriam ter um nome soando de alguma maneira em inglês (quer dizer, americano). Isso corrompe a consciência linguística de crianças e adolescentes. Corrompe, aliás, não somente a cultura da língua alemã mas também a língua inglesa-americana.

8. Uma pergunta referente a um dado importante da sua biografia: O Collège de France não é uma instituição que deveria ter sido copiada há muito tempo na Alemanha? Uma instituição com a missão de „ensinar o conhecimento em seu processo“ (enseigner le savoir en train de se faire) não seria necessária em todos os lugares? Ou seria tal instituição demasiadamente anti-Bolonha para ser pensada nos dias de hoje?

HARALD WEINRICH: Nos anos 70, quando ainda não cogitava minimamente atuar como professor no Collège de France em Paris, eu tentei propagar na Alemanha a ideia de um Colégio Alemão nos moldes do Collège de France. Para tanto, aconteceram vários grandes colóquios envolvendo cientistas e políticos. A Fundação Thyssen se dispôs a financiar a parcela inicial do empreendimento. Pouco antes da concretização, no entanto, o projeto inteiro fracassou em decorrência do federalismo alemão.

9. Para encerrar, uma pergunta que talvez soe estranha: Serão os romanistas, no fundo, os linguistas mais completos? Digamos Coseriu, Lausberg, Curtius, Gumbrecht, Jauf, Spitzer, Schlieben-Lange, Weinrich, Stierle, Wandruszka, Metzeltin e outros.

HARALD WEINRICH: De fato, os romanistas são cientistas especialmente representativos porque dispõem de nove línguas, sendo quatro delas de abrangência mundial (francês, português, espanhol, italiano), e em igual número, de literaturas de importância mundial. Ao ocupar nos últimos anos da minha carreira no Collège de

Entrevista com Harald Weinrich

France a cátedra "Langes et Littératures Romanes", nome escolhido por mim, eu me confrontei com desafios realmente grandes, às vezes até enormes. Mas isso me fez bem. Parece que os intelectuais precisam não somente de incentivos mas também de desafios na vida profissional.

10. O senhor foi agraciado em várias oportunidades e até promoveu o Prêmio Adelbert von Chamisso. Ao menos temos em Berlim um Centro Jacob und Wilhelm Grimm. Suponhamos que o senhor pudesse homenagear um linguista, atribuindo seu nome a uma universidade, que nome escolheria?

HARALD WEINRICH: Não teria necessariamente que ser uma universidade alemã. Se tiver mesmo que ser, então minha sugestão: de forma alguma Chomsky, talvez Emile Benveniste, o grande indogermanista francês, também pesquisador no Collège de France.

Tradução de Werner Heidermann

Recebido em 10/03/2013

Aprovado em 11/03/2013